

NOVAS FORMAS DE FAMÍLIA: O caso da adopção para quem já tem filhos biológicos

Joám Evans Pim¹; Maria Ferreira²; Mónica Rodrigues²; Sónia Costa²

¹ Instituto Galego de Estudos de Seguranga Internacional e da Paz, A Corunha, España

² Universidade do Minho, Braga, Portugal
evans@igesip.org

Resumen: La familia adoptiva es una “Nueva Forma de Familia” por oposición a la “Familia Tradicional”. Por ello, nos preguntamos que tipo de noción de familia emerge, de estas familias que sin buscar reconstituír la familia tradicional, como sucede en el caso de la infertilidad, se encauzan espontáneamente por un nuevo tipo de familia, socialmente diferente del “natural” y “tradicional”. La gran motivación para la adopción y la que abarca una mayoría de los casos es la infertilidad de la pareja. Estes imposibilitados de formar una familia tradicional, constituída por los progenitores e hijos biológicos, encuentran en la adopción la alternativa. Pero no todos los casos tienen este escenario familiar, pues existen aquellas parejas que teniendo hijos biológicos abrazan la adopción con tanta determinación como los padres que sólo se ven realizados por ella. Entonces, si el escenario de estas familias no es el de la infertilidad, ¿qual es? ¿Que tipo de motivaciones esconden estas familias? Partiendo del presupuesto que exista algo en común entre las familias que adoptan no por la imposibilidad de tener hijos, sino debido a otras motivaciones, en este artículo se pretende ver porque están dispuestas a adoptar, o que las hace sensibles a la adopción y que características tienen, que tipo de familia han constituído.

Abstract: An adoptive family is a “New Form of Family” in opposition to “Traditional Families”. Because of that we ask ourselves what kind of family notion arises from these families that spontaneously give origin to a new form of family, socially distinguished from “natural” or “traditional” patterns, not seeking, as in infertility cases, the reconstruction of a traditional family model. The predominant motivation for adoption, taking account for a vast majority of cases, is that of infertility. Those disabled to form a traditional family, made up from parents and their biological ‘offspring’, find in adoption an alternative pathway. But not all cases have this family scenary as couples exist which in spite of having their own biological children take up adoption with identical determination as those who fulfill themselves through this alternative. So, if the scenary for this families is not that of infertility, which one is it? What kind of motivations do these families hide? Supposing something in common between these families that take up adoption for other motives rather than infertility may exist, this article will try to analyze why are they willing to adopt or what makes them sensible to adoption and what are their features, what kind of family have they constituted.

Palabras clave: Adopción. Familia. Motivaciones
Adoption. Family. Motivations

1. Introdução

O nosso trabalho envolve dois conceitos centrais: são eles o conceito de família e o conceito de adoção. No entanto o nosso trabalho pretende abranger os casos atípicos, tanto quando nos referimos à família, pois pretendemos estudar famílias que por definição se opõe à “Família Tradicional”, e também quando nos referimos à adoção, sendo o caso típico, a adoção por casais infertéis.

A família tradicional é constituída pelos progenitores e seus filhos biológicos, e a adoção pode ser um meio para construir a chamada família tradicional, devido à impossibilidade de os casais terem filhos seus. Mas existem famílias que fogem a este padrão, quando pela adoção completam uma família tradicional. A adoção não é vista como uma alternativa, um modo de construir uma família à semelhança das outras famílias, mas um modo de construir uma família que se une além dos laços biológicos, por opção.

Numa sociedade ainda muito marcada pelo *setting* clássico da família tradicional nuclear e intacta, que tipo de noção de família, que dificuldades, que recompensas, têm estas famílias, que aura de “anormalidade” pesa sobre elas e, o que é que afinal as torna especiais. A nossa amostra foram duas famílias, que nos contaram a sua história e como surgiu a adoção na sua vida. Estas famílias encarnadas num protagonista, a mãe, com percursos e contextos muito diferentes, encararam uma realidade igual: a adoção de uma criança.

Foi através da análise de conteúdo que pretendemos analisar o seu discurso e tentar desvendar o que se esconde por detrás das suas palavras e o que nos revela acerca das suas vidas. Não ambicionamos verdades e com alguma reflexão tentamos retirar sentidos.

2. Conceitos centrais: família e adoção

É essencial para a compreensão do presente trabalho o esclarecimento de alguns conceitos chave. Assim, nos pontos seguintes iremos esclarecer como a sociedade entende a família e a adoção, do ponto de vista histórico, social e legal.

2.1. Família: conceito e transformações

O Dicionário de Sociologia define família como *grupo social caracterizado pela residência comum, pela cooperação económica e pela reprodução. A família é constituída pelos pais e pelos filhos*¹. Outra definição com que nos deparamos foi a seguinte: *grupo social básico criado por vínculos de parentesco ou matrimónio presente em todas as sociedades. A família proporciona a seus membros protecção, companhia, segurança e sociabilização. A estrutura e o papel da família variam segundo a sociedade. A família nuclear (dois adultos com filhos) é a unidade principal das sociedades mais avançadas. Na família monoparental os filhos vivem só com o pai ou só com a mãe em situação de celibato, viuvez ou divórcio.*

A família nuclear era a unidade mais comum na época pré-industrial e ainda é a unidade básica de organização social na maior parte das sociedades industrializadas modernas. Apesar disso, é necessário referir que as famílias também mudaram ao longo dos tempos. A família moderna tem-se transfigurado quanto à sua forma mais tradicional, assim como nas suas funções, composição, ciclo de vida e nos papéis da mãe e do pai.

2.2. Adoção: perspectiva histórica e legal

A prática da adoção esteve presente na maioria das sociedades humanas ao longo dos tempos. Como, por exemplo, nas sociedades indianas (leis de Manu); na Babilónia e Assíria (código de Hamurabi); no povo hebreu (Antigo e Novo Testamento); no povo egípcio (Documentos da XXVI dinastia); na Grécia ou ainda em Roma.

¹ Disponível em: <http://www.terravista.pt/Bilene/2458/dic-soc/soc_f.html#familia> [Consult. Fev. 2004].

Podemos afirmar que a adopção no seu início foi, essencialmente, de tipo egoísta (satisfação dos interesses dos adoptantes); mas actualmente, visa o interesse da criança (interesses altruístas) e o da sociedade, na medida em que este é um processo que *produz* crianças bem desenvolvidas e adultos saudáveis. Foi neste sentido que a adopção foi introduzida no sistema jurídico português, no Código Civil de 1966 (Decreto-Lei n.º 47 344, de 25 de Novembro de 1966).

A adopção assume duas formas: plena e restrita. Segundo o art. 1977º (Decreto-Lei 496/77, de 25-11) a adopção é “*plena ou restrita, consoante a extensão dos seus efeitos*”. A adopção restrita “*pode a todo o tempo, a requerimento dos adoptantes, ser convertida em adopção plena*”.

A adopção plena caracteriza-se por substituir integralmente (até a sua extinção) o vínculo de parentesco de sangue. Implica, em consequência, o reconhecimento dos mesmos direitos e obrigações que poderia ter um filho biológico. Pode-se dar em no caso de menores órfãos sem filiação acreditada, estado o estado de abandono declarado pelo juiz. Não se admite a possibilidade de reconhecimento posterior ou acção de filiação do adoptado pelos seus pais biológicos. O menor terá o sobrenome do adoptante, que pode ser composto.

No caso da adopção restrita, o adoptado ganha a posição de filho biológico respeito dos adoptantes. Mantêm-se, sem embargo, os direitos e obrigações do vínculo biológico, excluindo a potestade, que fica baixo a tutela dos pais adoptivos. O adoptado terá o sobrenome do adoptante, aliás possa optar por adicionar o biológico aos 18 anos.

É com o Decreto-Lei n.º 190/92, de 3 de Setembro que o Acolhimento Familiar é institucionalizado legalmente em Portugal. O Acolhimento Familiar tem por objectivo “*assegurar à criança ou jovem, um meio sócio-familiar adequado ao desenvolvimento da sua personalidade, em substituição da família natural, enquanto esta não disponha das devidas condições.*” O artigo n.º 1º, do mesmo Decreto-Lei, diz que as famílias de acolhimento destinam-se a “*acolher, temporária e transitoriamente, crianças e jovens cuja família natural não esteja em condições de desempenhar a sua função educativa.*”

A decisão de entregar uma criança a uma família de acolhimento prende-se com a necessidade de proteger a criança de situações de risco que podem assumir a forma de maus tratos físicos e/ou psicológicos, abuso sexual e qualquer forma de negligência ou desinteresse dos progenitores, quer episódicas ou permanentes.

As famílias de acolhimento dividem-se em duas modalidades: acolhimento familiar e colocação em família, cuja única diferença consiste na existência ou não de laços de parentesco entre a família que acolhe e a criança/jovem acolhido. Comum a estas duas formas de acolhimento familiar é a separação do grupo familiar de origem.

As famílias de acolhimento usufruem de uma compensação monetária, consubstanciada no subsídio de retribuição pelos serviços prestados e subsídio de manutenção (Artigo 14.º, ponto 2, alínea b). Despesas extraordinárias com saúde, transportes, equipamento escolar e outras, tais como educação, material escolar e de desgaste são também suportadas pelos serviços de enquadramento – Acção Social (Artigo 14.º, ponto 2, alínea d).

2.3. Adopção: perspectiva social e psicológica

É pedido às famílias adoptivas e por elas próprias desejado, o estabelecimento de vínculos e de um sentimento de pertença que se prolongue no tempo, mesmo através de gerações. Se bem que só se possa chamar família adoptiva após o adoptado estar adoptado, o período que antecede essa etapa é fulcral, e podemos dizer que antes de se ser uma família adoptiva já o era, devido aos vários momentos que ocorrem desde o primeiro contacto com a criança até à legalização da situação.

Dois aspectos são essenciais: a aceitação das diferenças por parte de todos os elementos da família nuclear e de origem, se for o caso; e o controlo extra-familiar, tal como o pro-

cesso de avaliação e controlo sob a alçada dos Serviços de Acção Social. São contextos que com tais dificuldades e particularidades, são fontes de stress. Assim torna-se importante detectar as competências destas famílias, que suportes têm e utilizam para sustentar a dinâmica familiar. Assim mais importante do que detectar todas as etapas, fases e dificuldades e alegrias, é fundamental detectar como estas famílias reagem, como agem, como pensam, enfim, como são e o que têm em comum estas pessoas. Adivinhando alguns problemas das famílias adoptivas:

- O medo de um dia ser preterido em favor dos pais biológicos/ força do vínculo afectivo versus força do vínculo biológico
- Temor da herança biológica/ dúvidas relativas ao património genético
- Negação de dificuldades
- Medo de perderem a criança no período de pré-adopção
- Desejo de não voltarem a repetir a experiência

3. Considerações sobre o método de pesquisa

3.1. O tema e a pergunta inicial

A pergunta inicial da pesquisa poder-se-ia enunciar do seguinte jeito: Que características tem a família adoptante, com filhos biológicos, que a torna sensível e disponível para a adopção? A grande motivação para a adopção e que abrange a maioria dos casos é a infertilidade do casal. Estes impossibilitados de constituírem uma família tradicional, constituída pelos progenitores e filhos biológicos, encontram na adopção a alternativa. Mas nem todos os casos têm este cenário familiar, há aqueles casais que tendo filhos biológicos abraçam a adopção com tanta determinação como os pais que só se vêm realizados por ela.

Mas se o cenário destas famílias não é a infertilidade, qual é? Será que existem características comuns entre os adoptantes que já tinham filhos, assim como a característica da infertilidade unem os que por isso mesmo adoptam. Que tipo de motivações escondem estas famílias? Partindo do pressuposto que existirá algo em comum entre as famílias que adoptam não pela impossibilidade de terem filhos, mas devido a outras motivações, pretendemos saber porque estão dispostas a adoptar, o que as torna sensíveis à adopção e que características têm, que tipo de família constituíram. A família adoptiva é uma “Nova Forma de Família” por oposição à “Família Tradicional”, por isso mesmo que tipo de noção de família emerge, destas famílias que não procuram reconstituir a família tradicional, como no caso da infertilidade acontece, mas enveredam espontaneamente por um novo tipo de família, socialmente diferente do “natural” e “tradicional”.

3.2. Análise de Conteúdo: quadro de referência teórico

Após a delimitação do tema, houve que escolher os procedimentos a utilizar para o tratamento da informação recolhida. Neste sentido a análise de conteúdo semelhou ser o método idóneo, sendo como um conjunto de instrumentos metodológicos ampliados a discursos extremamente diversificados cujo fator comum é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução, isto é, a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor e da objectividade e da fecundidade da subjetividade.

No plano metodológico poder-se-ia enveredar pela análise quantitativa ou pela análise qualitativa. Na primeira o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa ou temática, o que serve de informação é a presença ou a ausência, de uma dada característica ou um conjunto de características de conteúdo. A quantificação é sem dúvida uma estratégia cheia de virtualidades, diz Jorge Vala (1999), mas não há justificação para não reconhecer os sucessos das investigações de

orientação qualitativa. “O rigor não é exclusivo da quantificação, nem tão pouco a quantificação garante por si a validade e fidedignidade que se procura”.

Enveredamos pela análise qualitativa uma vez que esta se adapta melhor ao tipo de informação a recolher. Isto porque se reveste de características particulares, com especial validade para a elaboração de deduções específicas. Pode funcionar sobre um corpus reduzido, sendo este o caso da nossa pesquisa, e estabelecer categorias mais discriminantes, que não dariam lugar a frequências suficientemente elevadas para que os cálculos de uma análise de frequência fossem possíveis. No entanto a análise qualitativa não implica a eliminação de qualquer forma de quantificação somente os índices são retirados de modo não frequencial, pelo que teremos em consideração a frequência de algum tipo de léxico.

3.3. Método de recolha do material utilizado

Existem diversos modos de se abordar um tema, pensamos que a biografia directa através de entrevista, método por nós utilizado, é um dos mais interessantes. Em primeiro lugar porque dá liberdade ao entrevistado de falar abertamente, e por outro, porque permite a especialização do tema, através da condução da entrevista para questões pertinentes. Na história de vida pede-se a um indivíduo que descreva a sua história ou alguma experiência pessoal, e a técnica que serve de base à recolha deste tipo de informação é a entrevista semidirectiva. A fragilidade está no facto de poder existir um enviesamento devido à presença do entrevistador. Utilizamos um questionário e demos liberdade de palavra ao locutor, sem que no entanto não tenhamos tido a precaução que certos assuntos não fossem negligenciados. O questionário ou guião de entrevista, tal como a última denominação indica, foi um simples guia, útil é claro, mas que nunca foi rigoroso e constrangedor. Por isso mesmo constatamos que de duas entrevistas seguindo o mesmo guião surgiram assuntos muito diferentes e com questões que divergiram do guião, adaptando-se aos factos narrados pelo entrevistado. As entrevistas encontram-se na sua forma integral em anexo, tendo sido gravadas e posteriormente transcritas. Temos no entanto consciência que a passagem do oral para o escrito implica necessariamente uma desnaturalização, perdendo parte do seu sentido, pois na expressão oral o enunciado é tonalizado, gestualizado, informações como silêncios, entoações, por vezes muito importantes, perdem-se quando transformadas num conjunto de frases.

É de notar que após a recolha dos dados fornecidos pela entrevista não procedemos a qualquer tipo de verificação dos relatos, podendo ser considerado apenas como um testemunho. No entanto, é daí que advém o seu valor, pois é devido a esta característica, que este método de “história imediata” ou “história de vida” se diferencia das restantes ciências históricas.

4. Considerações sobre a recolha do material

A informação a analisar, sob a forma de discurso, foi recolhida através de entrevista. Esta é composta por várias etapas, desde a construção das perguntas ou assuntos chave, até ao tratamento do material para ser possível a análise. A entrevista é gravada e transcrita de modo a proceder-se à análise de conteúdo.

4. 1. O Guião de Entrevista

A primeira etapa para o trabalho de campo foi a elaboração do Guião de Entrevista. Tivemos em consideração que este deveria abranger uma quantidade de tópicos ou perguntas-chave, suficientemente alargado para se compreender o percurso de vida dos entrevistados. No entanto, tivemos de ter em atenção não nos dispersarmos em demasia do tema, pelo risco de no final termos muita informação, mas pouca de interesse para a nossa pergunta.

4.2. A Entrevista

Realizamos a entrevista a duas mulheres, representantes de duas famílias constituídas pelo casal (unidos pelo matrimónio), filhos biológicos (ambas com três filhos biológicos) e por um filho adoptivo. Entrevistamos o elemento feminino uma vez que a figura de mãe reveste-se de um importante papel, não descurando a importância da visão dos restantes elementos, no primeiro contacto, foi o elemento feminino que desde logo se prontificou a fazer a entrevista.

Na entrevista tentamos criar um ambiente de alguma familiaridade e confiança, de modo a evitar inibições. Fomos muito bem recebidos e os dois entrevistados mostraram a máxima disponibilidade. Na verdade pensamos que é um assunto de que gostam de falar e pensamos não ter havido razões de inibição ou falta de verdade nas entrevistas. As entrevistas foram realizadas seguindo o guião mas dando alguma liberdade ao entrevistado. Foram gravadas com autorização e posteriormente transcritas.

A primeira entrevista, retrata uma família da cidade de Braga, sob o testemunho de Fernanda com 44 anos. A segunda, retrata uma família da cidade de Vila Nova de Famalicão, sob o testemunho de Salete de 47 anos.

5. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo passa por várias etapas. Numa primeira, realiza-se uma leitura “flutuante” das entrevistas em busca de significados. A leitura pouco a pouco vai-se tornando mais precisa em função de hipóteses emergentes. Assim a etapa que se segue é a elaboração das hipóteses.

5.1. Elaboração das hipóteses

As hipóteses são afirmações que nos propomos a infirmar ou afirmar, após a análise do conteúdo da nossa informação. São deduções sem carácter definitivo, realizadas pelo senso-comum ou leitura superficial. Após a análise iremos verificar se estas afirmações correspondem ou não, à realidade por nós estudada.

As nossas hipóteses são as seguintes:

- Estas famílias, encarnadas num protagonista (mãe), adoptaram porque entraram em contacto com as situações.
- Estas famílias não conseguem ser indiferentes à vida alheia, ao mundo que as rodeia, às crianças. São pessoas sensíveis.
- Estas famílias não adoptaram para seu bem-estar pessoal mas tendo em vista o bem-estar da criança.
- Nestas famílias já existiam práticas de solidariedade, nomeadamente a crianças.
- O facto de já terem filhos torna estas famílias mais sensíveis a situações particularmente relacionadas com crianças.
- O meio envolvente influi na sensibilidade ou iniciativa para a solidariedade e posteriormente a adopção.
- Estas famílias têm uma noção de família forte.
- Estas famílias provêm de famílias numerosas e constituíram por analogia famílias numerosas, tendo em conta o contexto histórico-social.

5.2. Categorização das entrevistas

A análise categorial é uma das práticas da análise de conteúdo mais antigas e também mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em categorias, segun-

do um agrupamento por temas, no caso de ser análise temática. É um modo fácil e eficaz de aplicação a discursos directos. A primeira etapa é a de construir a tabela de categorização, dividindo-se por temas de análise e referindo os indicadores possíveis, para categorizar o discurso. Utilizamos o seguinte quadro de categorização:

I - Contexto Familiar

a) Família de origem

Indicadores: relação pai/mãe; relação com outros familiares; tipo de educação.

Nesta categoria pretendíamos obter informações significativas acerca do seu passado, ou seja, era nosso objectivo saber até que ponto a educação que recebeu na sua infância contribuiu para a formação da sua identidade. Se teve uma educação conservadora, saber qual era a sua religião e se tinham práticas habituais. Procurámos saber como era constituído o seu núcleo familiar de origem: com quem viviam, número de irmãos, como era vivido o dia a dia, a relação dos pais, como era ocupado o seu tempo, o percurso escolar, etc.

b) Família que constituiu

Indicadores: relação marido/mulher; relação com os/as filhos/as; concepção de maternidade.

Era importante saber de que forma foi constituído o núcleo familiar. Quais as maiores transformações que sentiu ao deixar o estatuto de solteira para passar a esposa e mãe. Que relação mantém com o marido e filhos e de que forma o modelo familiar de origem influenciou a família que constituiu. Saber como é que ela soube lidar com a responsabilidade de ter outras pessoas dependentes dela.

c) Universo relacional

Indicadores: relação com outros familiares; ambiente sócio-cultural.

Procurámos averiguar que outro tipo de influências poderiam rodeá-la. Saber se tem o hábito de se encontrar com amigos ou família mais afastada ou até mesmo se tem passatempos favoritos.

d) Ambiente económico

Indicadores: profissão; habilitações; posses.

Nesta categoria tínhamos com objectivo indagar quais as habilitações e profissão das entrevistadas, ou seja, pretendíamos averiguar, transversalmente, de que modo o nível económico facilitou ou complicou o processo de adopção e a pós-adopção.

e) Práticas de solidariedade

Com esta categoria aspirávamos saber quais as práticas de solidariedade que as entrevistadas praticam, se estas são feitas à semelhança das práticas da família de origem, compreender de que forma estavam já predispostas à adopção assim como saber se a adopção teria partido de uma dessas práticas.

II - Adopção

a) Primeiro contacto com a criança

O objectivo desta categoria era aprofundar como, quando e porquê as entrevistadas tinham efectuado o primeiro contacto com a criança. Pretendíamos saber se contacto tinha

sido casual, fruto do acaso ou se, pelo contrário, tinham sido as entrevistadas a procurar as crianças.

b) Decisão da adoção

Indicadores: processo de decisão (casual/premeditado); opinião dos familiares.

Com esta categoria procuramos compreender quais os factores que conduziram ao processo de adoção. Assim como quais os motivos que contribuíram para a tomada de decisão a favor da adoção, como por exemplo, se foi o vínculo estabelecido com a criança que foi decisivo, se a opinião dos familiares foi preponderante para a decisão.

c) Adaptação

Indicadores: reacção da criança adoptada; aceitação da filiação.

Nesta categoria abordamos as questões referentes ao processo adaptação da criança adoptada após a adoção. Como foi a adaptação a esta nova fase da vida delas e como lidaram com a aceitação da nova filiação e da autoridade daí decorrente.

d) Recompensas

Indicadores: sociais; pessoais.

Esta categoria tem por finalidade apontar as recompensas recebidas através da adoção e se elas foram procuradas deliberadamente através da adoção. Na existência de recompensas procuramos saber qual a sua origem, isto é, se a sua motivação foi a solidariedade, o reconhecimento social ou a satisfação pessoal, assim como sob que aspectos é que ela se traduziu.

e) Dificuldades

Indicadores: económicas; jurídicas; sociais; institucionais; familiares.

Esta categoria abordou as dificuldades sentidas quer ao longo do processo de adoção quer no período pós-adoção. Tentamos perceber qual a sua natureza (económica, jurídica, social, institucional ou familiar), como foram encaradas e de que forma foram ultrapassadas. Nesta categoria procuramos compreender se as dificuldades actuaram como factor de desânimo ou de motivação.

f) Transformações

Indicadores: profissionais; pessoais; familiares; económicas; sociais.

Esta última categoria aprofundou as questões inerentes às transformações sentidas e vividas a nível pessoal, familiar, profissional, social e económico, ou seja, de que modo a adoção mudou a vida das entrevistadas e das suas famílias.

5.3. Categorias temáticas

5.3.1 - Categorias Temáticas da Entrevista 1

A) Contexto Familiar

Categorias / Indicadores

I. Família de origem

Relação pai/mãe Relação com outros familiares Tipo de Educação

- “Em criança vivia com os meus pais e com os meus irmãos, a família era grande.”, “Somos seis irmãos, uma família grande!”
- “os meus pais estiveram sempre presentes”, “A relação que tinha com os meus pais era boa.”, “ Passava o tempo todo com eles.”
- “era entre eu e os meus irmãos que havia entreaduda nos trabalhos da escola.”
- “A relação que tenho com os meus irmãos (não tenho irmãs, eu sou a única rapariga) é muito boa.”. “Eu era a líder, eu é que olhava pelos meus irmãos e tinha o dever de família.”
- “A educação que recebi da parte do pai era conservadora, da parte da mãe muito liberal.”
- (A sua família era religiosa?) Sim, eram católicos. Nesse tempo íamos todos à missa, a Páscoa e o Natal eram celebrados à risca... essas coisas.”
- “O valor mais significativo que os pais me transmitiram foi a “família”.
- “Penso que era normal a relação entre o meu pai e a minha mãe, saudável, não ouvia discussões, nenhum tipo de violência.
- “Para a minha formação pessoal foi principalmente importante a minha família nuclear”

II. Família que constituiu

Relação marido/mulher Relação com os/as filhos/as Concepção de maternidade

- “Em solteira já tomava conta dos meus três irmãos mais novos, era eu que olhava por eles. Depois casei muito nova, com dezassete anos já fui mãe e com dezoito anos já tinha dois filhos. Continuei a trabalhar e estudava também na altura e continuei a tomar conta das crianças”
- (Sempre desejou ter uma família grande?) “Sim”
- “Nós sempre gostamos muito de crianças”
- “o meu marido esteve sempre, sempre comigo”

III. Universo relacional

Relação com outros familiares Ambiente sócio-cultural

- “Para a minha formação pessoal (...) também foi importante a convivência e a participação dos meus primos e outros familiares da mesma geração.”
- “Como é uma família grande, olhamos uns pelos outros.”

IV. Ambiente económico

Profissão Habilitações Posses

- Profissão: Funcionária Pública (trabalha na Segurança Social).
- Habilitações: 12º ano
- “A gente ia com ele de férias para Espanha, para a Madeira”
- “eu tenho uma casa na Póvoa” (Localidade: Braga)
- (Como é que eram as festinhas de aniversário dele?) “Normais, levamo-lo ao Indiana Bill”

- “tenho uma casa grande”
- ”De manhã levanta-se, fica comigo ou com a *empregada*”
- “ele ter de andar no ensino especial e na psicóloga é tudo pago por mim.”
- “Um dia fomos todos ao bowling ao hotel de offir”
- “pu-lo aqui em Braga num colégio que era fechado”
- “Lembras-te quando nós fomos de avião à Madeira e aos Açores”
- “Levei-o a um dermatologista”
- “eu dei-lhe uma bicicleta... nova”
- “Para ele o natal era... era uma loucura, porque ainda por cima era as coisas que ele nunca teve”
- “outra vez que lhe comprei, não sei se foi um kispou ou qualquer coisa (...) Pronto, eu dei-lhe outro”
- “vamos ali comprar uns ténis p’ró miúdo”
- “à parte eu pago-lhe um ensino especial”
- “deixe-me levar o miúdo comigo no carro”

V. Práticas de Solidariedade

• Eu pessoalmente pratico acções de solidariedade, visito instituições, faço doação de dinheiro, roupa, etc... continuo a visitar e a ajudar instituições e a ter contacto com pessoas em situações delicadas.

B) Adopção

I. Primeiro contacto com a criança

• “foi através destas acções de solidariedade que conheci o Vítor Hugo”

• “O Vítor Hugo não foi uma criança que nós pensamos adoptar, nós não pensamos em adoptar. Nós sempre gostamos muito de crianças e a Filipa, a minha filha do meio, trabalhava numa instituição onde tinham para além de outras pessoas, crianças não abandonadas, mas maltratadas. Esta criança não estava nas crianças maltratadas mas também quando ele nasceu a mãe dele apenas tinha quatorze anos e ela foi recolhida nessa instituição porque na altura era toxicodependente e prostituta. Foi recolhida para lá e quando lá chegou eles depararam que ela estava grávida, por isso o Vítor ficou logo lá também. A Filipa trabalhava nessa instituição e começou (numa altura em que eu ainda não tinha a Maria) e ela diz-me: “Mãe, qualquer dia vou começar a cá trazer um menino para passar os fins-de-semana aqui!”. Porque aquela instituição na altura – agora julgo que já não trabalha assim – tinha por hábito deixar as crianças, para não estarem sempre institucionalizadas, deixá-las vir passar os Natais, as férias, as festas familiares a casa de pessoas para as crianças sentirem um bocado o ambiente familiar e quando ela me disse isso, eu disse-lhe: “Pronto, traz, tudo bem, traz.” A Filipa começou a traze-lo, tinha ele dois anos e meio e a partir daí nós começamos sempre a ir buscá-lo ao fim de semana. Inicialmente trazíamos outros, não trazíamos sempre o mesmo, até para não criar exactamente os laços de afectividade que as crianças criam, claro.”

• “em relação a este miúdo ele era uma criança que nunca saía para nenhuma família e foi isso que me levou mais a levá-lo porque é de etnia cigana. E normalmente, enfim, as pessoas ainda são preconceituosas, não é, quanto à cor e então quanto à raça nem se fala! E ninguém levava aquele miúdo. Todas as pessoas pelo Natal e pela Páscoa iam buscar lá as crianças, mas aquela normalmente não ia. Pronto, trouxe eu o miúdo!”

II. Decisão da adopção

Processo de decisão (casual/premeditado) Opinião dos familiares

• Só que pronto, começou a puxar para ali, o puto, o miúdo via-nos e começava a chorar, queria vir connosco e a gente começou a optar por trazer só aquele. Isto passou-se dos dois anos até aos cinco anos. Todos os fins-de-semana eu ia buscá-lo, deixava uma declaração, para onde é que ele ia, essa declaração era aceite pela instituição, enviada uma cópia à Segurança Social que tinha a tutela do menino e ao tribunal de menores, para saber onde é que ele estava. Levava-o à Sexta, trazia-o à Segunda. Entretanto chegamos a um ponto que o miúdo começou a chegar à Segunda-feira e a não querer ir, a chorar, a fazer birra, essas coisas todas. A gente ia com ele de férias para Espanha, para a Madeira, para onde calhasse e ele ia connosco, entretanto chegamos a uma altura que tivemos de decidir, ou ficamos ou não ficamos. Foi quando a gente decidiu meter os papéis da adopção.

• “ajudaram todos na altura”, “as pessoas prontificaram-se”

• “engraçado que ele hoje continua-se a dar muito bem com as irmãs, claro, mas a Maria é o elo de ligação dele, ele para ela e ela para ele! Ele tem um sentido de protecção em relação a ela que é uma coisa impressionante, impressionante o sentido de posse que ele tem dela! Que ela é que é irmã dele, que as outras... são assim mais ou menos, não é? Já eram as duas adultas, entretanto a Joana que estava a estudar só vinha a casa nos fins de semana, Filipa também não estava cá... Na altura também foram ouvidas, neste tipo de adopção, quando o casal já tem filhos é um tipo de adopção diferente. A Maria não, que na altura ainda era pequenina, claro! Mas as outras duas tiveram de ser ouvidas pelo tribunal, pronto... e aceitam perfeitamente a criança! É lógico!”

III. Adaptação

Reacção da criança adoptada Aceitação da filiação

• (De que modo o nascimento da Maria foi importante para o Victor?) “É assim: foi importante tanto para um como para o outro. Primeiro, porque eu nunca pensei que a Maria ia aparecer, pronto, fiquei um bocado surpresa! Mas por um lado o Victor ajuda a Maria e a Maria ajuda o Victor, porque se o Victor com ela já é um bocado mimado, então sem ela ficava super mimado! (...) Existe claro, aquelas guerrinhas de crianças, que são perfeitamente normal, não é, mas se eu chegar a casa, ainda foi ontem que cheguei a casa, eram duas e meia e peguei na Maria e ele disse logo: “E o Victor, não vem?” e eu disse-lhe: “O Victor está na escola!”.”

• “Porque é inadmissível que uma criança que sempre esteve num jardim, porque a própria instituição tem creche, tem jardim infantil, uma criança que aos 6 anos vai para uma escola primária só saiba fazer riscos, não sabia fazer um desenho, não sabia uma cor, para ele tanto era... mandavam-no pintar e ele pintava tudo em preto!! E isso não se admite numa criança que, sei lá, que viva num local familiar, numa criança que ande numa pré-primária, que faça uma formação! Só que aquilo era um bocado assim: se fazes, fazes, se não fazes que se lixe, que também não tens a quem dizer, não é? (Não havia quem dissesse que era bonito ou que era feio...) Exactamente! Um obrigado... ele, por exemplo, trazia-me os trabalhos no dia da mãe ou no dia do pai e chegava ao pé de nos e dizia: “olha, pega, é para ti!” e atirava assim... se eu pegasse peguei, se não pegasse, não pegava... não interessava! Não era incentivado a fazer!”

• (Como é que ele reagia às épocas festivas, por exemplo o natal?) Era uma loucura!! Para ele o natal era... era uma loucura, porque ainda por cima era as coisas que ele nunca teve, não é?

• “Ele esta com um texto à frente e há uma palavra que ele não entendeu bem, ou que não entende bem, acabou ali o estudo! Quer dizer, não diz que não sabe, porque não quer mostrar parte de fraco... só que fica por ali! Já não luta mais: “Oh, eu depois faço! Vou antes fazer...”. Por exemplo, está a fazer uma cópia, há uma palavra que ele não identifica e diz que vai antes fazer contas! Não é uma criança fácil, nada fácil!! Ele próprio criou defesas e para mais ainda era pequenino”

• E uma das coisas que me chamou à atenção foi umas sapatilhas que ele trazia que era p´raí 2 ou 3 números acima do pézinho dele! E eu disse: “Ó Manel, vamos ali comprar uns ténis p´ró miúdo, que não tem jeito nenhum ele andar assim!” comprei-lhe as sapatilhas, calcei-lhas e ele não me deu palavra! Íamos pela rua fora, pela Junqueira, e ele a olhar para os pés! E eu disse-lhe assim: “Ó Victor, magoam-te as sapatilhas?” Porque ele ia tão sério, tão... e ele só me disse isto: “São minhas?” e eu disse: “São!”, “São mesmo, mesmo minhas?”, “São!”

• “achei piada que a professora da escola, já ele estava comigo, ainda não adoptado, mas já estava comigo definitivamente, com 5 anos que fazia os 6 em Novembro e eu meti-o na escola logo nesse ano. E a professora perguntava-lhe qualquer coisa e ele dizia: “A Maria é que era irmã dele, que as outras eram assim-assim!” porque as outras eram muito grandes e ele dizia: “Não, eu tenho 3 irmãs, mas olha, eu acho que a Joana e a Filipa são assim-assim, a Maria é que é minha irmã!”, porque a Maria estava na minha barriga e ele sabia que era irmã”

• (houve alguma fase ou algum período em que ele negasse ser vosso filho?) Diz, às vezes diz, quando é mais repreendido diz: “Oh, tá calada que tu não és minha mãe nem meu pai!” e eu digo-lhe: “Ai sou, sou! Tu tiveste outra mãe...”, aliás na altura fazia-lhe muita confusão e eu fui-lhe explicando: “tu tiveste outra mãe, mas essa mãe não pode olhar por ti, não está cá, não pode olhar por ti, e fiquei eu, por isso eu sou a tua mãe e o Manel é o teu pai! Nem todas as pessoas que têm os filhos dentro da barriga é que são mães e pais, algumas que não têm...” e respeitou!

• “A educação é igual para todos. Porque a nível da educação, se o tiver que repreender é igual para todos!”

• “Se bem que ele não nos chama pais, não chama pai nem mãe, não, mas é assim: inicialmente quando ele começou a lidar connosco, nós não fizemos questão: era a Fernanda e o Manel! Pronto! Quando ele ficou connosco já estava habituado e eu às vezes dizia-lhe, agora já não ligo, mas às vezes dizia-lhe assim: “Ouve lá, tu não dizes papá e mamã porquê?” e ele dizia: “Oh, porque não me apetece!”, “Mas tu não vês a Joana e a Filipa que dizem mamã e papá?” e ele dizia-me na “habilidadezinha” dele de pequenino: “Porque elas ainda não aprenderam a dizer Fernanda nem Manel!!”. Mas perante as outras pessoas, só em casa, porque por exemplo na escola, com os colegas é a minha mãe e o meu pai e as minha irmãs, a nós não chama mas assume p´rós outros! Já está enraizado! (...) É habito mesmo! Se fosse por maldade, perante as outras pessoas ele também não o assumia, não, é habito mesmo!! A criança na altura ainda estava a dizer as primeiras palavras, e habituou-se a falar assim, e foi assim... não, acho que é habito!

• “Ele frequenta uma escola perfeitamente normal e à parte eu pago-lhe um ensino especial porque ele tem muitas dificuldades de aprendizagem e muitos medos! O Victor ainda hoje não adormece sozinho, alguém tem de se deitar na cama à beira dele. Toda a gente lhe mete medo! Os medos dele continuam a vir quanto a mim, do que ele passou e que ainda não conseguiu apagar, o tira e dar e dar e tira! Porque as crianças ficam marcadas. Aliás, ainda hoje, ele sabe que é adoptado, e às vezes pergunta-me: “Qualquer dia vem alguém e leva-me, não é?”. Ainda continua com esse tipo de questões... tenho de lhe ralhar e dizer: “Tu és desta família!” (...) “Olha que és um Azevedo agora!” e ele pronto, já se vai rindo, mas ainda se nota ali muito nervosismo, percebe?”

- “Houve uma altura que eu o castiguei e ele teve uma crise de identidade e o garoto dizia-me: “Eu quero a minha mãe!” e eu respondi: “Também eu queria saber onde é que ela está! Também queria saber onde é que ela está! Também queria saber porque é que ela não pode cuidar de ti, mas não sei dela, ninguém sabe!”. Tanto quanto eu tive conhecimento na altura, pela Cruz Vermelha, penso que ela faleceu!”

- “No início, quando ele veio para o pé de mim as únicas alterações visíveis (porque eu não o conhecia, não sabia como ele era antes de vir para minha casa) eram todas positivas porque era tudo novo.

- A gente teve sempre tendência, tanto eu como o meu marido, a protegê-lo mais um bocado em relação às irmãs, pelo facto também da vivência dele, até porque o Victor precisa de extrema atenção, a Maria para já ainda não, tem 3 anos, ciúmes e isso não existe!

IV. Recompensas

Sociais Pessoais

- (As suas expectativas em relação ao Victor foram confirmadas?) Apesar de tudo, sim, claro! É pena não fazerem um trabalho efectivo e primarem mais a técnica que eles usam Hoje, ironicamente, rio-me quando a dita assistente social passa por mim, a que dizia que não me conhecia de lado nenhum, e trabalha no gabinete ao lado do meu. Agradeço também todo o apoio que as psicólogas me deram! Sempre estiveram do meu lado.

- “Ainda ontem lá estive um casal muito amigo e eu perguntei-lhe: “Queres ir para casa da Francisca?” e ele responde: “E vais ter saudades?” “Não sei, às tantas vou!” “Então acho que não vou!”.

- “Natal, a Páscoa é vivido normalmente com a família, as coisas são todas iguais, esse tipo de reuniões agora são vividas normalmente.”

- “Mas perante as outras pessoas, só em casa é que ele nos chama de Fernanda e Manel, porque por exemplo na escola, com os colegas é a minha mãe e o meu pai e as minha irmãs, a nós não chama mas assume p’rós outros!”

V. Dificuldades

Económicas Jurídicas Sociais Institucionais Famíliares

- “ah, outra coisa que ao Victor lhe faz imensa dificuldade é não ter fotografias de pequenino, que ele só tem fotografias a partir da idade que está comigo!! Outra estupidez da instituição!! Porque a instituição tem muitas fotografias deles, mas não as dão, o que é ridículo, não é? As fotos que eu tenho, duas ou três, foram as funcionárias que me as deram, porque eram delas próprias! Porque eles não têm e aquilo também lhe fazia muita confusão! Fazia um olhar vazio, agora já não faz! Mas na altura fazia-lhe muita confusão: “E eu não tenho fotografias porquê?” (...) Aliás, uma das coisas que eu lhe digo é: ”olha, lembras-te quando nós fomos de avião à Madeira e aos Açores? A Maria também não foi!” E ele fica assim a olhar: “pois não...” Pronto, nós temos é que o compensar de outras maneiras”

- “E qual é o problema? Cabe sempre mais um!” não é pelo facto de já ter filhos que vou gostar menos dele do que gosto dos meus! É igual! Até lhe digo mais... é pior!! Porque às minhas, às vezes se for preciso chego-lhes uma sapatada no rabo e aquele não chego! Porque fico sempre com aquela ideia: coitado do miúdo! Já não lhe bastou o que passou e ainda vai continuar a passar!”

• Aquela assistente social que me disse aquela frase não tem técnica, não tem nada. Enquanto eu vestia e dava de comer ao puto, elas nunca puseram barreiras, quando decidi adoptar, disseram-me que não estava na lista de espera. Elas tinham era o miúdo prometido a alguém, só pode! Não é o interesse da criança que tem de ter primazia?

• O que eles fizeram o miúdo passar, não se faz a ninguém. Não viram as horas que o miúdo passava encostado ao vidro à espera que eu chegasse.

• Ele e os amigos entendem-se muito bem. Só uma miúda da família, numa festa de Natal (com dez anos),e foi a partir daí que lhe comecei a falar do passado dele, o Vítor chegou À minha beira e disse: “a Daniela disse que eu não sou teu filho!” Também foi daí que ele começou a dizer que: “não sou teu filho” não és minha mãe!”. São as crianças... na escola fiz questão de ninguém saber e os miúdos, colegas dele são pequenos demais para se aperceberem.

• “Tem muita sensibilidade! Por um lado, foi muito bom ele ter sempre partilhado tudo mas, por outro, não tinha nada dele, não tinha identidade própria!”

• (E teve algum acompanhamento?) Nenhum!! Os que estávamos em casa e felizmente uma advogada que decidiu ir em frente e que realmente ajudou muito também! E claro a ajuda de um juiz que contra tudo o que foi dito contra ele na altura, agora que passei por isso, vi que realmente tinha muita razão naquilo que dizia!

• “na altura da “guerra da adopção” fui buscar forças onde não pensava que elas existissem! Muitas noites sem dormir, muitas, muitas! Muitas!”

• “para ficar com alguém, ele só fica com pessoas que conheça muito bem. Se não, não fica de maneira nenhuma!”

• “é óbvio que ele precisa de mais atenção quer a nível da escola, trabalho, dos medos que à noite alguém o roube, o leve.”

• Claro que é mais um filho... mas há muito pouco apoio, tudo bem que qualquer filho tem despesas mas esta parte de ele ter de andar no ensino especial e na psicóloga é tudo pago por mim. E só está duas vezes por semana, devia estar lá muito mais tempo e não há apoio absolutamente. A parte da psicóloga devia ser completamente gratuita porque foram eles que criaram aquelas coisas todas na cabeça dele mas não é! O ensino especial, tudo bem, mas a psicóloga... A princípio ia a um psicólogo da Universidade do Minho que era mais barata mas depois também precisei de uma professora do ensino especial e optei pelo centro onde ele está, que tem as duas coisas. Tem psicólogos, terapeutas da fala, entre outros... e eu preferi fazer tudo ali do que me estar a deslocar...”

• “Outro defeito grande que ele tem é tentar impor-se, eu às vezes até digo ao meu marido: “Isto é mesmo da veia cigana!” A Professora diz que na escola tem imensas dificuldades com ele porque ele tenta impor-se a tudo e a todos, é a maneira de ele dizer: “Eu estou aqui, nunca me viram, mas eu estou aqui!”. Nasce tudo da crise de identidade proveniente de tudo o que ele passou antes de vir definitivamente cá para casa!”

• “havia outra situação que ele tinha, o miúdo de vez em quando, havia alturas, coçava-se todo, ele próprio coçava-se e enchia-se de feridas a ele próprio e eu dizia-lhes: “Não percebo porque é que o miúdo tem isto?” e elas diziam: “Ah, já a mãe era assim, isso é normal!”, e eu dizia-lhes: “Não, isso normal não é, levai o miúdo a um dermatologista ou a qualquer sítio, que isto normal não é!” Não havia... Desde que foi para a minha casa, fiz os testes, expliquei ao médico, quer dizer, aquilo ainda aparecia, mas era de 4 em 4 meses, 5 em 5. Levei-o a um dermatologista, fiz os testes, não tinha nada! Ele dizia: “Isto pode ser do sistema nervoso!” e hoje, p’raí à dois anos que eu não me lembra do miúdo ter isso, quer dizer, curou sem medicamentos!!”

• “acho-lhe “piada” (mas tento-lhe mostrar o contrário) à fobia que ele tem aos ciganos, e ele é da etnia! Primeiro ele não parece cigano, que ele é extremamente branco, não tem traços, características ciganas, ele também não sabe, para já não precisa de saber a etnia. Ele passa por eles, na altura quando vim trabalhar para Braga tive um bocado de receio de

o mandar para uma escola normal porque toda a gente conhecia a história e toda a gente o apelidava e sabe como é. Trouxe-o comigo para Braga. E também na altura, como a Segurança Social andava a tentar tirá-lo, tinha medo que por qualquer motivo nem me dissessem nada e fossem lá à escola e o trouxessem! E então pu-lo aqui em Braga num colégio que era fechado e com autorização de o entregar apenas a mim e ao meu marido ou a alguém que a gente desse autorização, claro!”

- “outra coisa que ao Victor lhe faz imensa dificuldade é não ter fotografias de pequenino, que ele só tem fotografias a partir da idade que está comigo!! Outra estupidez da instituição!! Porque a instituição tem muitas fotografias deles, mas não as dão, o que é ridículo, não é? As fotos que eu tenho, duas ou três, foram as funcionárias que me as deram, porque eram delas próprias! Porque eles não têm e aquilo também lhe fazia muita confusão!”

- “Mas repare que está com 8 anos já feitos e continua na segunda classe... já devia estar na terceira e possivelmente vai ficar mais um ano na Segunda. Mas é assim, o Victor também tem um problema grande, o Victor quando vê que não consegue uma coisa desiste!”

- “Tanto é que no dia em que me o tiraram, eu dei-lhe uma bicicleta... nova! Vou entregá-lo, vou levar uma bicicleta e uma das coisas que eu tive de lhe dizer foi: “Olha, vai mostrar a tua bicicleta aos outros meninos, para eles verem a tua bicicleta nova!” que era para eu me por a andar, não é? E ele coitado, bem foi, mas olhou para trás e viu-me a fugir, foi um horror! Tanto foi um horror que houve uma funcionária da instituição que foi obrigada a ficar com ele em casa dela, porque na instituição ninguém o conseguia! Quer dizer, e eu telefonava diariamente para essa funcionária, porque nem sequer para a instituição podia telefonar, a perguntar, a falar com o menino se estava bem, se estava mal! Só para essa, porque a segurança social proibiu-me determinadamente e pronto, não podia ir contra as directivas porque eram eles que mandavam, não era eu! Pronto. Só tinha contacto com o menino através dessa senhora, não é? (...) Isto não é, quer dizer, não se pega numa criança e agora vais para ali e acabou!”

- “Eu nem tinha sequer necessidade nenhuma de fazer o que estou a fazer com ele, o que já comecei a fazer quando ele foi para a primária, para a primeira classe, exactamente se o miúdo tivesse sido incentivado, não é? Porque não há crianças burras, há umas mais capazes do que as outras, mas se não as incentivarem elas também não aprendem! Se a gente não os ensina a falar elas também não falam! Pronto! E a parte da assistente social, que era das coisinhas que ela podia e devia ter em consideração, devia ver essas coisas todas, não!”

- “por exemplo, trazia-me os trabalhos no dia da mãe ou no dia do pai e chegava ao pé de nos e dizia: “olha, pega, é para ti!” e atirava assim... se eu pegasse peguei, se não pegasse, não pegava... não interessava! Não era incentivado a fazer! Eu por exemplo, lembro-me uma das coisas que me marcou muito na altura, logo das primeiras vezes que o trouxe, ele trazia... outro problema que eu encontro nas instituições, é que os miúdos não têm identidade própria, o que é dele é dos outros! Por um lado é muito bom partilhar, mas por outro lado, as pessoas têm de sentir uma auto-estima delas próprias, poder dizer: “Esta roupa é minha!” “percebes?”

- “que escusava de ser assim, tudo podia ter sido evitado, não é? Se realmente quem trabalha com estes serviços soubesse a técnica! Devem é ser doutoras por decreto, porque pelo curso é impossível, não é? Aliás, o pessoal que trabalhava na adopção na altura com o Victor Hugo, eram assistentes sociais, mas na altura não era uma licenciatura, depois é que apareceu um decreto de lei que as licenciou a todas! Mas só o são por decreto, não por conhecimentos! Mas vou-lhe dizer uma coisa, pelo conhecimento que tenho, aquela gente, gente entre aspas, claro, esta vacinada contra... quer dizer, a parte sentimental, só se preocupam com a parte técnica! Eu disse-lhe a ela, ou cortavam-me logo quando viram que eu levava sentimento daquele menino e então diziam: “Não pode ser, o menino esta a ganhar laços de afectividade a vocês e vocês ao menino” ou então tinham visto esse pormenor... Ah, porque elas diziam-me: “Você já tem filhos, e há quem não tenha!”, “E qual é o problema? Cabe

sempre mais um!” não é pelo facto de já ter filhos que vou gostar menos dele do que gosto dos meus! É igual! Até lhe digo mais... é pior!! Porque às minhas, às vezes se for preciso chego-lhes uma sapatada no rabo e aquele não chego! Porque fico sempre com aquela ideia: coitado do miúdo! Já não lhe bastou o que passou e ainda vai continuar a passar! Pronto! E depois o que eu noto é que a nível da instituição, e a instituição até nem é uma instituição má! Mas é assim: ali também pesa um bocado a questão monetária! Porque é inadmissível que uma criança que sempre esteve num jardim, porque a própria instituição tem creche, tem jardim infantil, uma criança que aos 6 anos vai para uma escola primária só saiba fazer riscos, não sabia fazer um desenho, não sabia uma cor, para ele tanto era... mandavam-no pintar e ele pintava tudo em preto!! E isso não se admite numa criança que, sei lá, que viva num local familiar, numa criança que ande numa pré-primária, que faça uma formação! Só que aquilo era um bocado assim: se fazes, fazes, se não fazes que se lixe, que também não tens a quem dizer, não é?”

- “Ele frequenta uma escola perfeitamente normal e à parte eu pago-lhe um ensino especial porque ele tem muitas dificuldades de aprendizagem e muitos medos! O Victor ainda hoje não adormece sozinho, alguém tem de se deitar na cama à beira dele. Toda a gente lhe mete medo! Os medos dele continuam a vir quanto a mim, do que ele passou e que ainda não conseguiu apagar, o tira e dar e dar e tira! Porque as crianças ficam marcadas. Aliás, ainda hoje, ele sabe que é adoptado, e às vezes pergunta-me: “Qualquer dia vem alguém e leva-me, não é?”. Ainda continua com esse tipo de questõezinhas... tenho de lhe ralhar e dizer: “Tu és desta família!”.

- “Até porque coisa que eu não sabia é que realmente qualquer criança adoptada, o processo tem obrigatoriamente de passar pela segurança social. Todos os processos têm de passar pela segurança social!! E é aí que quanto a mim surgem as dificuldades, não é, porque repare, mesmo depois do tribunal ter ordenado a entrega do miúdo, quer dizer, elas ainda estiveram p’raí um ano para vir a minha casa fazer a entrevista, ou para vir ver se realmente o miúdo dormia num quarto ou se dormia no meio da sala!! O que é inadmissível!! Não é? Porque não há assim tantas adopções no distrito que as pessoas tenham assim tanto que fazer!”

- “E fico escandalizada também na adopção, é que repare: o Vítor tinha dois anos e meio quando me foi entregue, tirado novamente, cinco anos quando me foi dado novamente e nunca ninguém até hoje se preocupou em saber se eu estava a dar porrada ao miúdo, se o estava a tratar bem, se estava bem integrado na família, porque o período após a adopção para mim é mais importante às vezes que a própria adopção. Nem sequer durante os seis meses após a adopção vieram a minha casa a não ser para ver se eu tinha condições materiais para caber toda agente! O que é ridículo, porque eu podia ter gostado muito da criança enquanto ele era pequeno, com os seus dois anos e meio e agora que está com outra mentalidade e com as diabruras da canalha eu, neste momento, podia estar muito arrependida e estar a tratar muito mal o miúdo, maltratá-lo! Quer dizer, não há ninguém que acompanhe estas crianças depois, ver regularmente se as crianças estão bem, e depois vemos coisas na televisão e a Segurança Social diz: “Ah! Mas nós não podíamos fazer nada!” Não! Podem, porque eles deviam acompanhar o miúdo, principalmente quando ele é alvo de traumas em criança quando foi o dá e tira da criança à minha família. Eu penso que é assim, deviam acompanhar a criança mais uns anos, ver se as coisas estavam a caminhar a bons passos! Não é entregar o miúdo e já está! Isto não é o mesmo que adoptar um cãozinho! Os miúdos crescem e mudam, não é?”

- “Entretanto o processo demorou quase três anos, com muitas guerras burocráticas pelo meio e não só, as piores não foram exactamente as burocráticas, enfim...”

VI. Transformações

Profissionais
Pessoais
Familiares
Económicas
Sociais

- “Aumentou muito as despesas!”
- (Descreva um dia Típico:) Dia típico? Muito barulho! Muito trabalho!”
- “A adopção não aumentou nem diminuiu o meu círculo de amigos, o que agora não há é as mesmas oportunidades! Mas não tem a ver com a adopção mas sim que tenho duas crianças pequenas para tomar conta, o que era deixou de ser mas isso é natural, condicionou-me um bocadinho!”
- “No início, quando ele veio para o pé de mim as únicas alterações visíveis (porque eu não o conhecia, não sabia como ele era antes de vir para minha casa) eram todas positivas porque era tudo novo!”
- “Fazia um olhar vazio, agora já não faz! Mas na altura fazia-lhe muita confusão: “E eu não tenho fotografias porquê?”

5.3.2. Categorias Temáticas da Entrevista II

A) Contexto Familiar

Categorias / Indicadores

I. Família de origem

Relação pai/mãe
Relação com outros familiares
Tipo de Educação

- Vivía com os meus pais e tinha cinco irmãos. Somos seis e eu vivia com os outros cinco. Vivíamos bem, lá em família, com os de casa só.
- Davam-se todos bem. Às vezes uma zangazinha aqui, uma zangazinha ali.
- Não, não, não. Demo-nos sempre todos.
- A minha mãe lá nisso fazia muita coisa que nós fossemos à missa. De resto somos católicos.
- Não. Não eram uns pais muito, como se houve falar aí muitos, que era ó chicote, não.

II. Família que constituiu

Relação marido/mulher
Relação com os/as filhos/as
Concepção de maternidade

- Vinte e um a Cristina e tenho a Vera que trabalha também lá em cima numa agência de publicidade, tem vinte e seis. Tenho a Andreia que trabalha como cabeleireira, também lá em cima em St. Adriano que tem dezoito anos.
- Sim, ora bem, acho que até mais religiosa do que somos agora. Somos capazes de não ir à missa enquanto que na minha idade, quando éramos novos íamos.(?- deverá estar nesta categoria ou na anterior?)
- Foi acontecendo. Tive três filhas porque quis. A mais nova já não era para vir, mas a Cristina e a Vera fiz por isso, a mais nova não, foi por desequilíbrio (risos). Já não foi, vamos fazer por que venha... mas estou muito feliz com as três.
- (Mas gosta de ter uma família grande?) Gosto. Enquanto que as tenho aqui de volta de mim...

III. Universo relacional

Relação com outros familiares Ambiente sociocultural

- (Religião, é católica?) Sou. Há aí muita gente que quer virar a cabeça às pessoas, mas a mim, não há ninguém que a vire.

IV. Ambiente económico

Profissão Habilitações Posses

- Eu sou doméstica e o meu marido trabalha no Matadouro Central.
- Eu tenho a segunda classe, tenho a terceira mas corresponde à segunda porque não cheguei a acabar a terceira. O meu marido acho que fez o oitavo ou nono. E as minhas filhas: a Vera tem o 12º., a Cristina tem o 9º., acho que não consegui fazer o 10º. E a Andreia também chegou só ao 10º.
- Pois. Fui trabalhar com 14 anos, eu, aos 14 anos. Só que trabalhava pouco tempo, que eu era asmática e trabalhava um mês e estava seis meses de baixa (risos). Trabalhei sempre muito pouco.

V. Práticas de Solidariedade

- Tive aqui um sobrinho também, também como família de acolhimento. Também tomei conta dele, também três anos, que eu tomei conta desse menino. A mãe era toxicodependente e estava detida e o bebé quando nasceu, nasceu no estabelecimento prisional e depois foi posto cá fora aos dois aninhos. Depois eu tive que... Depois arranjam uma família, e eu tomei conta desse menino.

- Tomei conta dele como família de acolhimento desse menino.
- Ele era meu sobrinho e tomei conta dele, tive-o aqui três anos comigo.

Não a mãe veio para fora. A mãe e o pai vieram tomar conta dele. Ainda o vi hoje, está bem o menino. Está porreirinho, mas também fui eu que o criei.

- Ele veio para minha casa ia fazer dois aninhos, e saiu daqui com cinco anos, quando ia para a escola.

- Não, a mi vieram-me pedir que confiavam o menino em mim na altura. Muito me pediram para eu tomar conta dele.

- Não, quem andou a tentar arranjar quem tomasse conta do menino eram as próprias assistentes dos estabelecimentos. Então indicaram a minha casa porque eu sabia tomar conta, e eu disse sempre que não. E eles chegaram a dizer que iam por o menino numa instituição, e eu disse - ponham, ponham na instituição que eu não tomo conta. E depois um dia o menino veio para fora e foi para casa de um sobrinho meu e esse meu sobrinho veio aqui passar um dia a casa com o menino e uma moça que vivia com ele, e então o menino fugiu lá para fora para ir brincar e ela foi e bateu no menino, e eu passei assim as mãos na orelha do menino a fazer-lhe festas e vi que o menino tinha as orelhas cheias de feridas, e achei esquisito aquilo e disse: deixai ficar o menino comigo hoje, ide embora e eu fico aqui com o menino, e eles foram embora e deixaram o menino aqui, estiveram para aí mais de um mês sem vir buscar o menino. Nunca mais vieram aqui trazer nada do menino, nem trouxeram roupas nem nadinha, ficaram de me trazer roupas no outro dia... O menino ficou comigo e então tinha as orelhas todas ferradas que era de eles lhe baterem e puxarem as orelhas. Então eu peguei no menino e fui levá-lo à assistente social, e quando eu levei o menino à assistente social, elas agarraram-se a mim e disseram para eu tomar conta do menino e nunca mais o entregar a eles, porque o menino estava a ser tolhido dentro daquela casa. Eles saíam à noite

e deixavam o menino, na casa tinha muitos ratos e o menino ficava ali e via aqueles ratos todos de noite, no quarto a passar, e então o menino estava assustadinho, e eu fiquei com o menino. E ali tive, como família de acolhimento. Era meu sobrinho, filho de uma sobrinha minha, e tomei conta dele eu, e nessa altura se ela não mo tirasse eu ainda era capaz de ter esse menino aqui comigo. Eu também nessa altura fazia tudo por tudo para que ela não me tirasse esse menino, só que aí os casos eram diferentes. A mãe quando viesse do estabelecimento, eles iam andar em cima da mãe a ver o comportamento da mãe, como é que a mãe era, se era ajuizada. Então, eles começaram a ver que a mãe era ajuizada e entregaram o menino à mãe.

- Quer dizer, tudo quanto eu disse que não queria fazer com a menina, já vim assim mais coisa. Deixei na altura, ficar dinheiro para o leite, que ela não tinha para a menina, e depois fui mais dois ou três dias ver a menina com a outra minha irmã...

- E depois eu disse à minha irmã para ela lhe arranjar um emprego.

B) Adopção

Categorias / Indicadores

I. Primeiro contacto com a criança

- A bebé nasceu e ela foi internada no Porto. A fazer um mês que ela já tinha nascido, eu fui com a minha irmã a casa dela. Fui a casa dela e foi aí que eu vi a menina pela primeira vez. Vi a menina pela primeira vez e fiquei encantada com a bebé. Ela era linda, linda, linda, pequenina, era muito pequenina e tinha uma carinha assim tão linda, tão linda, que eu vim encantada com aquilo.

II. Decisão da adopção

Processo de decisão (casual/premeditado)

Opinião dos familiares

- Da Mafalda? Da Mafalda foi um caso que nem à ideia me veio. A Mafalda foi assim: a Mafalda, a mãe andava de bebé, ela é minha cunhada, o pai dela é meu irmão e quando ela alcançou o bebé, eu disse sempre que não queria saber dessa menina. Portanto, eu nunca queria ir ver nem nada. Falavam-me que ela andava de bebé, mas eu nunca quis.

- ... Mas nunca nada de pensar que eu ia tomar conta dessa menina.

- ... A minha irmã pediu-me a ver se eu tomava conta da menina como ama.

- E eu não queria dizer ao meu marido, porque o meu marido era contra. E eu disse que não tomava, e ela disse que só fazia confiança se a menina viesse para a minha mão...

- Ela arranjou emprego aqui, e eu tomei conta da menina, pedi ao meu marido e às minhas filhas...

- ... Quando viram a menina, todos ficaram coisa com a menina.

- Ela deixou ficar a menina comigo mas deixou de ter o apoio de ir levar a menina às consultas ao hospital...

- O hospital de St. Tirso mandou uma carta à protecção de menores...

- ...as assistentes de St. Tirso disseram-me para eu tomar conta da menina e mandaram-me para a protecção de menores...

- ...protecções de menores assinaram um documento em como me davam a menina a meu encargo...

- ...pedi ao meu marido muito, que deixasse a menina ficar comigo, não queria mais deixa-la ir embora, e ele deixou-me ficar com a menina aqui, e hoje gosta tanto ou mais dela do que eu.

- Se ela hoje ainda está comigo e chegou ao que chegou, é mesmo por causa das minhas filhas.

III. Adaptação

Reacção da criança adoptada Aceitação da filiação

- Quer dizer, enquanto ela [a mãe biológica] vinha certinho todos os sábados, agora [depois do julgamento] não vem.
- ...se a menina fosse a casa à mãe e viesse, havia de vir doentinha, constipadinha ou assim. A menina aqui ganhava saúde. Ganhava saúde, lá andava sempre doentinha.
- ... Sabe muito bem que ela é mãe.
- No outro dia levou-a a casa e chegou a Maio e começa a berrar que quer vir embora, chega a meio da tarde e começa: leva-me à minha mãe a Famalicão e quero ir embora...
- “...olha não queres ir à outra tua mãe em vez de ficares com a mãe Salete?” E ela respondeu: achas, os braços da minha mãe não são de desmontar...
- Ela chamava-me mãe a mim e chamava tia à mãe.
- ...ela começou a optar por chamar mãe às duas. Ela é mãe e eu mãe sou.
- Eu fui que a baptizei, fui eu que fiz o baptizado, ela na Igreja está baptizada como minha filha.
- Costuma-se dizer: “Parir é dor, criar é amor”, e por isso ela está assim nestas condições.

IV. Recompensas

Sociais Pessoais

- ... seja de noite, seja de dia, é a minha companhia.

V. Dificuldades

Económicas Jurídicas Sociais Institucionais Familiars

- De vez em quando ela [a mãe biológica] fazia umas ameaças, que vinha buscar a menina, que fazia e que acontecia. Houve uma vez que chegou aqui e fez uma ameaça que me ia levar a menina a passear e eu não deixei, e então fui dar parte dela ao ministério público.
- ... Tivemos julgamento à coisa de dois meses.
- Os avós agora queriam a menina.

VI. Transformações

Profissionais Pessoais Familiars Económicas Sociais

- (Sentiu alteração dos comportamentos dos familiares em relação a si?) Não. Eles estão contentes por eu ter a menina. Todos estão contentes.
- ... o quarto da menina é que ela dorme comigo (...) vai ter um quatinho dela, vai casar a Cristina e então ela vai passar para o quatinho da Cristina.
- Antes de a ter comigo trabalhava, trabalhava no Intermarchê, mas depois vim embora na altura em que tomei conta, vim embora e nunca mais trabalhei.
- ... não aguentava o trabalho e vim embora.

• (E você e a mãe da menina?) Dámo-nos bem. Embora eu às vezes digo-lhe as verdades. Eu até pensei que ela ia mudar nesse ponto, e mudar está a mudar, porque ela já não é a pessoas que era. Ela antes vinha todos os sábados e ajudava a arrumar e tudo. Ela mudar mudou, mas não me faz a menor diferença.

5.4. Inferências

As inferências constituem o procedimento intermediário entre a descrição e a interpretação, permitindo a passagem explícita e controlada de uma a outra. A inferência é a indução a partir dos dados. A intenção de qualquer investigação é produzir inferências válidas. A análise de conteúdo é um instrumento de indução para se investigarem as causas, as variáveis inferidas a partir dos efeitos que são os indicadores.

Após a categorização de cada entrevista, o procedimento seguinte foi o de realizar as inferências. O objectivo das inferências é ir além da descrição e retirar do texto aquilo que está para além dele, os significados que se escondem por detrás das palavras. A análise prende-se com o equilíbrio entre o objectivo e o subjectivo. Apesar das inferências serem um processo que se rege por uma metodologia, a mais valia das inferências é a “nossa” subjectividade.

O facto de Fernanda e Salete provirem de uma família com muitos irmãos, poderá ser uma razão para que tenham constituído uma família grande (quatro filhos é desviante da tipologia de família actual). No entanto, na geração em que nasceram, o habitual eram as famílias numerosas, portanto, questionamo-nos se realmente este foi um factor decisivo para desejarem Ter uma família numerosa.

Pensamos que talvez tenha sido mais importante o facto de tanto as famílias de origem como as que constituíram terem um bom ambiente familiar e uma noção de família positiva, forte, segura e feliz, onde há sempre espaço para mais um membro. Desde cedo, ainda adolescentes, se habituaram a ter crianças a seu cargo, e ao longo da vida viriam a manter crianças em casa. Para as protagonistas, criar uma criança nunca terá sido um obstáculo. Na verdade, a família teve, para ambas, sempre uma grande importância, a família seria o móbil de vida, um modo de realização pessoal.

No caso de Salete, impedida de trabalhar por motivos de saúde, além de não ter uma profissão, sem perspectivas de vida, a educação de uma criança era algo que estava ao seu alcance e seria a sua fonte de realização pessoal. Ao longo do seu discurso repetem-se frases como “*fui eu que criei*”, “*tomei conta*”, “*fui eu que dei tudo*”. No caso de Fernanda, a família esteve sempre presente como um valor muito importante. Educou os seus filhos em torno desse valor e sentiu que seria fundamental responder ao apelo das crianças que recolhia da instituição, que desejavam ter uma família. Procurou mostrar a essas crianças o que era uma família, e, quando adoptou, o seu principal objectivo foi o de dar uma família aquele menino institucionalizado, que não sabia o que era alguém que cuidasse dele. O seu móbil de vida, mais do que ter uma família, foi o dar um pouco da sua família a crianças que não a tinham.

Existe uma diferença fundamental entre estas duas famílias, o contexto económico. No caso de Salete, o contexto é economicamente desfavorável e no caso de Fernanda acontece o inverso, sendo uma família de posses. Mas em ambos os casos o ambiente económico foi um adjuvante para a adopção, sendo-o no entanto por motivos diversos. Por Salete conviver com situações de precariedade houve a possibilidade de ter contacto com crianças que precisavam de auxílio. No caso de Fernanda, a disponibilidade económica permitiu a convivência com instituições, fazendo caridade, dando roupas.

Chegamos à conclusão que o nível económico não é preponderante para a tomada de decisão da adopção. Embora admitindo que possa ajudar no processo e proporcionar um maior conforto e maior resposta às necessidades da criança, mais importante do que terem proporcionado as oportunidades, foi perceber que as crianças precisavam do apoio destas mulheres.

No caso de Salete, sem muitas posses, não hesitou em ficar com aquela menina ao seu cuidado. No entanto, temos de levar em consideração o facto de que as duas crianças em questão não têm a mesma idade e não passaram pelas mesmas circunstâncias, muitas vezes difíceis. Ou seja, o menino de Fernanda, que agora já é um garoto de escola, necessita de apoio escolar e psicológico, isto porque sofreu alguns traumas, dos quais tem consciência, pelo facto de ter sido retirado bruscamente do lar de Fernanda pela instituição. É nesta dimensão que o factor económico parece ter mais preponderância, ao permitir a Fernanda dar determinadas condições ao menino. Já a menina de Salete, por ainda ser pequenina, não podemos afirmar que algum dia possa vir a precisar de acompanhamento especial. Queremos acreditar que se um dia vier a precisar, haja neste mundo *mais Fernandas e mais Saletes* que lhes possam a mão. Para isso é que existem as instituições de solidariedade.

As duas protagonistas consideraram que o decorrer dos acontecimentos e do seu percurso de vida, foi mera casualidade, tal como se tivesse sido inevitável. No entanto consideramos que foram elas as únicas responsáveis pelos acontecimentos. Para Salete, que afirma que “*tudo me vem aqui parar*”, pensa que tudo fez para contrariar o desenrolar dos acontecimentos, contradizendo-se, dizia que nada faria para intervir nas situações, e agia em contrário, pois o seu coração a isso a impelia. Sentimos que é uma pessoa dotada de grande sensibilidade, incapaz de ficar indiferente às situações de precariedade, principalmente quando envolve crianças. O mesmo se pode dizer em relação a Fernanda, sempre com um espírito de interajuda, nota-se a sua grande sensibilidade pela vida das crianças com quem tomou contacto. Impressionada pelas condições dadas pelas instituições e pelo abandono a que as crianças mostravam, muitas vezes afirmou ter ficada escandalizada pela falta de interesse que a instituição demonstrava pelos seus sentimentos e carências. Por isto, procurou sempre repor a justiça, chamando a atenção da instituição para o facto de estas crianças serem seres humanos e precisarem de atenção e afecto. Não conseguindo ser indiferente, ou de manter algum distanciamento, acabou mesmo por adoptar.

Outra característica das adoptantes é o seu pragmatismo. O modo como lidam com a vida é algo particular. Vivem a vida sem dramatismos e sem problematizar. Não valorizam ou desvalorizam as situações, vivem-nas com naturalidade, num viver do dia-a-dia, de modo simplista. Não se valorizam por terem constituído uma família grande, consideram-no como natural. Não têm um sentido egocêntrico da vida, pouco falam de si, valorizando sempre a vida das crianças. Também têm uma grande determinação, são mulheres decididas, e com carácter forte. Nunca se abateram perante as dificuldades e lutaram sempre pelo que pensaram que estava certo.

Conseguimos deduzir que não são pessoas preconceituosas. Fernanda não foi demovida da sua afeição e intenção, pelo facto de a criança ser filha de uma mulher toxicodependente, que se prostituía, e pertencer a outra etnia, marginalizada pela nossa sociedade. Do mesmo modo, Salete não se intimidou por a criança ser, igualmente, filha de uma toxicodependente e ex-reclusa.

6. Conclusão

Pudemos observar que a noção de família para estas mulheres não se prende com laços sanguíneos mas, mais importante que isso, com os laços afectivos que se criaram com a criança. O que nos leva a acreditar que a parentalidade está desligada do sangue e do código genético mas que está inscrita na nossa herança cultural. A solidariedade faz parte de nós e com a mesma simplicidade que muitas vezes damos uma esmola a um mendigo, estas mães deram o seu lar. Acontece como que por milagre, algo é despertado em nós, a cegueira passa e passamos a ver o outro como parte integrante de uma grande família: a da Humanidade.

Bibliografía

- Bardim, Laurence (1995): *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- Barroso, João; Morais, Fátima; Barbosa, João, Eds. (1989): *Adopção em Portugal*, Porto, Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Basanta Dopico, Juan Luis (1999): "Perfiles de las familias adoptivas y sus estilos de interacción con los menores adoptados (I)", In *Educación, Desarrollo y Diversidad*, n.º 1, pp. 33-44.
- García Alda, Jesús García (2005): *La adopción: situación y desafíos de futuro*, Madrid, CCS.
- Gross, Harriet; Sussman, Marvin, Eds. (1997): *Families and Adoption*, New York, Haworth Press.
- Polaino, Aquilino; Sobrino, Ángel; Rodríguez, Alfredo, Eds. (2001): *Adopción: aspectos psicopedagógicos y marco jurídico*, Barcelona, Ariel.
- Pool, Ithiel (1959): *Trends in Content Analysis*, Urbana, University of Illinois Press.
- Relvas, Ana Paula; Alarcão, Madalena (2002): *Novas Formas de Família*, Coimbra: Quarteto Editora.

b a